

REFLEXÕES ACERCA DAS RELAÇÕES ENTRE O MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO (MALG) E A SOCIEDADE PELOTENSE

REFLECTIONS CONCERNING THE RELATIONSHIP BETWEEN THE MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO (MALG) AND PELOTAS SOCIETY

Clarice Rego Magalhães¹

Resumo: Este trabalho consiste em reflexões acerca de uma instituição museal e sua relação com a sociedade na qual está inserida. A instituição é o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), situado na cidade de Pelotas, no Rio grande do Sul, órgão da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A sociedade pelotense, que configura o contexto do museu, possui características peculiares, herança de uma época, o ciclo do charque, em que a cidade teve um singular desenvolvimento social e cultural. O estudo mostra que quando da gênese do Museu, as obras das suas coleções representavam a sociedade pelotense da época, seus valores e seu imaginário. Hoje, estas coleções trazem, por meio das obras de arte e outros itens que as compõem, o passado da cidade ao presente. Isso permite que este passado seja conhecido e discutido, e o conhecimento nas áreas da memória, do patrimônio e das artes avance.

Palavras-chave: Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Instituição Museal. Sociedade Pelotense.

Abstract: This work consists in considerations about a museum institution and its relations with the society in which it operates. The institution in question is Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), located in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, integrating the Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). The Pelotas society, that configures the context of the museum, has peculiar characteristics, inheritance of an economic cycle based on the production of jerk beef, when the city had a unique social and cultural development. The study shows that at the genesis of the museum, the works of its collections represented the Pelotas society of that time, its values and imagination. Today,

¹ Doutora em Ciências da Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPEL), na linha de pesquisa Filosofia e História da Educação. Email maga.clarice@gmail.com

these collections, consisting of works of art and other items, bring the city's past to the present. This allows that past to be known and discussed, and knowledge in the areas of memory, cultural heritage and art to be increased.

Keywords: Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Museum Institution. Pelotas Society.

INTRODUÇÃO

Por meio dos museus, a vida social recupera a dimensão humana que se esvai na pressa da hora. As cidades encontram o espelho que lhes revele a face apagada no turbilhão do cotidiano. E cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma. (Angelo Oswaldo de Araújo Santos)

A existência dos museus revela o interesse das sociedades em preservar sua cultura, identidade e memória. Estas instituições proporcionam, para além da contemplação de suas coleções, outras experiências, como sensação de pertencimento, identidade e memória social. Angelo Oswaldo de Araújo Santos, presidente do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), lembra que

no universo da cultura, o museu assume funções as mais diversas e envolventes. Uma vontade de memória seduz as pessoas e as conduz à procura de registros antigos e novos, levando-as ao campo dos museus,[...] espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha (IBRAM, 2014).

Este trabalho consiste em investigação acerca de uma instituição museal e sua relação com a sociedade na qual ela está inserida. A instituição é o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), situado na cidade de Pelotas, no Rio grande do Sul, órgão da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A sociedade pelotense, que configura o contexto do museu, tem características peculiares herdadas de uma época, o ciclo do charque, em que a cidade teve um singular desenvolvimento social e cultural.

PELOTAS E O CICLO DO CHARQUE: OPULÊNCIA E CULTURA NO FINAL DO SÉCULO XIX

A cidade de Pelotas tem uma história peculiar dentro da historiografia do Rio Grande do Sul pois, diferentemente da maior parte cidades do Estado, de características rurais, desenvolveu cedo uma sociedade urbana, com riqueza e tempo

livre tais que proporcionaram especial desenvolvimento no campo da sociabilidade e da cultura, tendo havido a formação uma sociedade europeizada, em que as artes, assim como as ciências e as letras, eram cultivadas e valorizadas. Pelotas é conhecida até hoje como a “Atenas do Rio Grande”, e também como a “Princesa do Sul”, por conta de um período - o ciclo do charque, no século XIX - em que ela possuiu, realmente, riqueza ímpar em bens materiais e em bens culturais. Este período de opulência proporcionou o surgimento de uma sociedade que cultivou e estabeleceu valores, como o valor dado à cultura e às artes, que permaneceram vivos mesmo após sua decadência econômica, e que perduram até os dias de hoje.

Pelotas tem particularidades, principalmente no que diz respeito à formação de sua sociedade e da constituição de uma elite cultural muito própria, que podem nos ajudar a compreender suas instituições - considerando esta elite cultural pelotense como um grupo de pessoas que detinha saber e poder na área da cultura, oriundos de poder econômico, político e/ou social. Conhecer o tipo de sociedade que havia em Pelotas e sua situação econômica, política, social e cultural contribui para o entendimento da sua Escola de Arte e do seu Museu de Arte. São destacados, a seguir, alguns aspectos considerados importantes para o entendimento das relações destas instituições com a sociedade pelotense.

Pelotas é, de fato, conhecida como uma cidade cultural, e esta propensão para a cultura e as artes faz parte de sua identidade. Podemos verificar facilmente que o turismo, atividade cada vez mais valorizada em nossos dias, usa este aspecto da cidade como o principal chamariz para que as pessoas a visitem. Esta fama tem origem em seu passado, é legado de um período em que, de fato, houve nesta cidade riqueza ímpar em bens materiais e em bens culturais: o ciclo do charque. A indústria do charque, ou saladeiril, se desenvolveu em Pelotas a partir de final do século XVIII e proporcionou ao município grande circulação monetária e acumulação de capitais, principalmente na segunda metade do século XIX. Magalhães (1993) traz esclarecimentos a este respeito em livro que versa sobre o que seria, em seu entender, o período áureo de opulência e cultura desta cidade:

a historiografia sul-riograndense [...] reconhece que, sobretudo no transcorrer do século XIX e nos primeiros 20 anos do século XX, elaboram-se em Pelotas **características sociais peculiares**, relacionadas à prosperidade e cultura, dentro do complexo gaúcho (MAGALHÃES, 1993, p. 53, grifos meus).

Nesta época, Pelotas era uma cidade voltada de modo especial para a cultura e as artes, porque, diferentemente da maioria das cidades gaúchas, havia formado cedo uma sociedade urbana, em que as artes, assim como as letras e as ciências, eram

cultivadas e valorizadas. Estas características existiriam em conseqüência de seu singular desenvolvimento econômico e urbano.

Magalhães (1993), em seu estudo denominado “Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul - um estudo sobre a história de Pelotas (1860 - 1890)”, confirma que Pelotas teve um desenvolvimento diferente das outras cidades do Estado, quando afirma que, para além da “faca assassina” e do mugido dos bois, havia na cidade “mais civilização e mais gosto pela vida social do que em outras regiões do estado”. Há documentos da época que comprovam que os estrangeiros que chegavam a Pelotas ficavam maravilhados com a civilização que encontravam na cidade, que ficou conhecida, por volta de 1860, como a “Princesa do Sul”. É importante lembrar que este período de opulência da cidade, embora tenha terminado nas primeiras décadas do século XX, forjou um tipo de sociedade em que se estabeleceram valores que permanecem vivos até os dias de hoje, como por exemplo o valor dado à sociabilidade e à cultura. Magalhães destaca ainda o ócio, conseqüência do tipo de atividade econômica que se desenvolvia em Pelotas, que era sazonal, como fator que proporcionou condições para que florescessem estas características.

As artes começaram a fazer parte das práticas sociais desta cidade rica e poderosa, com sua orgulhosa oligarquia rural e a riqueza advinda da indústria saladeiril, já no século XIX. Nesta época, a arte era realizada predominantemente por artistas estrangeiros, que vinham prestar seus serviços à elite pelotense². Trabalhavam principalmente na produção de retratos de pessoas importantes, destinados a galerias de honra de entidades filantrópicas ou para a decoração das casas, e possuir estas obras era símbolo de status. Alguns destes artistas, para complementarem sua renda, ministravam aulas de desenho e pintura em cursos particulares. O estilo dessas obras era o acadêmico, que acabou se identificando com a elite pelotense. Segundo Diniz (1996), “atuou como distinção daqueles que detinham o capital econômico, político e social da época”. Nesta época, Porto Alegre, assim como o restante do país, também seguiam este mesmo estilo.

Já a manutenção do estilo acadêmico em Pelotas no século XX, até o final dos anos sessenta, quando o modernismo já era há muito tempo adotado em outras localidades, possivelmente se deveu ao fato de que a elite pelotense, embora não tivesse mais o poder econômico de antes, mantinha praticamente o mesmo perfil. O estilo acadêmico seguia sendo valorizado, pois havia se caracterizado como o estilo desta elite. Com mentalidade conservadora, presa ao passado, a este grupo não interessava a ruptura de padrões, o novo.

² Destacaram-se Frederico Trebbi, Italiano, e Guilherme Litran, espanhol.

Na década de trinta, as dificuldades da economia pelotense, que haviam começado a se manifestar desde a virada do século, se agravaram com as medidas tomadas por Getúlio Vargas em relação à economia brasileira. O novo modelo econômico, que substituiu a agroexportação pela industrialização, diminuiu o poder das oligarquias rurais e levou o Rio Grande do Sul a uma situação de inferioridade. A industrialização gaúcha ocorreu tardia e lentamente, atrasando o aparecimento de uma burguesia capitalista com nova mentalidade. No Estado, os poderes econômico e político da classe oligárquica diminuíram, mas, como ela não foi substituída, continuou a influenciar a cultura.

Diniz (1996) destaca que, no século XX, a sociedade pelotense vai perdendo o poder e o prestígio que tivera no século precedente, nas áreas econômica e política, e Pelotas, a “Atenas Riograndense”, a “Princesa do Sul”, reage cultuando seu passado, procurando mantê-lo vivo. O conservadorismo funcionaria como um refúgio para estas perdas. A autora argumenta que Pelotas, não conseguindo um progresso que recuperasse a sua importância, passa a cultivar ao seu passado, para que ele não fosse esquecido. Neste processo de reforço das tradições, estaria a contribuição da Escola de Belas Artes de Pelotas, assim como do museu de arte que nasceu dentro desta escola.

A ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS (EBA)

A Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA) foi fundada pela dama pelotense D. Marina de Moraes Pires em 19 de março de 1949. A EBA iniciou suas atividades como escola particular, contando apenas com um pequeno auxílio financeiro concedido pela prefeitura de Pelotas³. O fato de o pintor italiano Aldo Locatelli, que estava na cidade trabalhando na pintura mural da catedral São Francisco de Paula, ter aceitado ministrar aulas no curso que D. Marina pretendia formar foi o impulso que faltava para que, dois meses depois deste aceite, se concretizasse o antigo sonho de D. Marina de conseguir para Pelotas uma Escola de Belas Artes. Como a escola era particular e gratuita, D. Marina conseguiu não só fundar como manter o curso em funcionamento com a ajuda de um grupo de pelotenses que compartilhava os mesmos valores e acreditava na importância de Pelotas possuir a sua Escola de Arte. Este grupo configuraria uma elite cultural da cidade.

Os componentes desta elite haviam herdado as obras de arte de suas famílias, trabalhos realizados no passado pelos artistas estrangeiros ou por seus discípulos, em

³ D. Marina tentou, junto aos governos federal e estadual, a concessão de uma escola de belas artes para Pelotas, nos moldes de outras congêneres no país, mas suas tentativas, que vinham desde 1946, não obtiveram êxito.

estilo acadêmico. Segundo Bourdieu (2011, p. 75) qualquer herança material é, propriamente falando, e simultaneamente, uma herança cultural. Bourdieu (2011, p. 97) também considera que “uma classe ou uma fração de classe é definida não só por sua posição nas relações de produção”, mas pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes, que conferiria valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas (BOURDIEU, 2011, p. 101). A elite cultural pelotense compartilhava, então, um *habitus* de classe, que seria o seu denominador comum, e, segundo Bourdieu (2011, p. 57), gosto é *habitus*. O *habitus* de classe seria o princípio unificador e gerador das práticas, e a classe seria conjunto de agentes situados em condições homogêneas de existência, com condicionamentos e disposições homogêneas, incorporadas como os *habitus* de classe (BOURDIEU, 2011, p.97).

O fato de Pelotas ter sido, em um momento de sua história (1860/1890)⁴, uma cidade de opulência econômica e cultural ímpares teria influído na criação, em 1949, de seu curso em nível superior de artes plásticas, a Escola de Belas Artes de Pelotas. Isto porque foi a época de opulência e cultura que trouxe a Pelotas os pintores europeus Frederico Trebbi (italiano) e Guilherme Litran (espanhol). Foi o fato de Pelotas ter tido uma cultura diferenciada, europeizada, que permitiu que Marina de Moraes Pires⁵ e Leopoldo Gotuzzo⁶ fossem alunos de Trebbi e desenvolvessem o conhecimento e o gosto pela arte. Foi a vocação cultural da cidade, o valor que a cidade dava à cultura e às artes que influenciou o fato de seu Bispo Diocesano, D. Antonio Zattera, trazer diretamente da Itália o pintor Aldo Locatelli para realizar as pinturas murais da catedral da cidade. E foi a combinação destas condições e personagens que resultou na consubstanciação de suas instituições artísticas, conferindo a elas singularidades.

Há várias matérias de jornal que mostram que as singulares características culturais da cidade de Pelotas foram determinantes não só na criação e manutenção da sua Escola de Belas Artes como na criação de seu Museu de Arte, e demonstram que Pelotas via a si mesma como a cidade da cultura. Ângelo Guido⁷, em artigo publicado no Diário Popular (1951), destacava primeiramente que “o gosto pelas coleções artísticas, a se ostentarem nas residências do passado, não havia faltado na terra natal de Leopoldo Gotuzzo e Antonio Caringi”. Belas coleções de arte podiam ser apreciadas em galerias particulares. Guido destaca ainda que a coleção do Clube Comercial seria uma demonstração de como em uma sociedade refinada havia gosto e compreensão

⁴ Sobre este momento de opulência e cultura na cidade de Pelotas, ver Magalhães, 1993.

⁵ Fundadora da Escola de Belas Artes de Pelotas.

⁶ Doador da Coleção Leopoldo Gotuzzo e patrono do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

⁷ Ângelo Guido foi um importante artista e crítico de arte italiano, que chega ao Brasil em 1895 e se estabelece em Porto Alegre em 1925.

pelas coisas de arte e como Pelotas tinha acumulado um patrimônio artístico que merecia o apreço e o carinho de todos os homens de bom gosto e sensibilidade. O crítico e artista diz ainda que seria de lamentar que essa bela tradição, que denotava refinamento espiritual, fosse desaparecendo com as gerações que com apreciáveis inteligência e cultura souberam criá-la. Prosseguindo, afirma:

Não tenho dúvidas de que foi precisamente por ter havido em Pelotas, há alguns decênios, ambiente tão favorável às coleções de arte e homens e famílias que se interessavam por pinturas, esculturas, bons móveis, finas peças de cerâmica e outras preciosidades artísticas, que vocações como a de Leopoldo Gotuzzo puderam aparecer e encontrar estímulo, pois onde há ambiente os valores aparecem (DIÁRIO POPULAR, 1951). Grifos meus

Expressivo exemplo destas afirmações seria a Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA). Guido fala do alcance e importância de uma obra de cultura e aproveitamento de valores vocacionais. Diz que para muitos uma Escola de Belas Artes significa menos do que um cassino para jogo ou um clube de futebol, mas que não é com esse tipo de mentalidade que um povo se faz digno da admiração que “com suas tradições e sua cultura, Pelotas alcançou” (DIÁRIO POPULAR, 1951, Coleção MMP p. 87). Em comentários não assinados publicados posteriormente a respeito do projeto de lei que instituía o prêmio estímulo às artes, em 1953, também consta que

A Princesa do Sul caracteriza-se, há muito, por dinâmica vida acadêmica e cultural. O ambiente desta terra é propício às atividades espirituais, já que o povo ama as cousas do pensamento e as manifestações do Belo (DIÁRIO POPULAR, 1953).

Diz a matéria que tudo o que se fizer pela arte será, certamente, bem recebido e aplaudido pelo povo da cidade, pois “continuará uma tradição pelotense de finura de espírito e amor às superiores criações artísticas” (DIÁRIO POPULAR, 1953). Este tipo de afirmação se repete nos jornais, assim como nos discursos, durante toda a trajetória da Escola, e auxilia na compreensão da EBA e do Museu de Arte que, dentro dela, vai se formar.

A GÊNESE DO MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO

Como já foi dito, o processo de gênese do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo se deu dentro da antiga Escola de Belas Artes de Pelotas. Isto porque as doações de obras de arte, objetos e móveis que o artista pelotense Leopoldo Gotuzzo fez foram para esta instituição de ensino de arte pelotense, da qual era o patrono desde sua fundação. Gotuzzo foi contemporâneo e muito amigo da fundadora da EBA, D. Marina Pires, e

desde o início compartilhara com ela o sonho de que a cidade de Pelotas tivesse a sua Escola de Belas Artes. Gotuzzo havia sido colega de Marina no início de sua formação artística, pois foram ambos alunos do pintor italiano Frederico Trebbi, e juntos sonharam com uma Escola de Belas Artes para a cidade. O artista não lecionou na Escola por ter fixado residência no Rio de Janeiro desde a década de 1920, mas vinha frequentemente à cidade, visitando a Escola e ministrando aulas a grupos de alunos.

Já em 1949, poucos meses após a fundação da EBA, Gotuzzo doa uma tela de sua autoria à Escola. A obra, intitulada “A Espanhola”, foi recebida com grande entusiasmo, e é a primeira de um acervo que crescerá muito com o passar do tempo, pois haverá ainda duas doações, em 1955 e 1983, que constituirão a base do acervo do futuro Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, a “Coleção Leopoldo Gotuzzo”.

Figura 1 - O artista pelotense Leopoldo Gotuzzo oferece a obra “A Espanhola” para a Escola de Belas Artes de Pelotas em meados de 1949. Da esquerda para a direita, D. Marina de Moraes Pires, Leopoldo Gotuzzo, o professor de pintura da Escola Aldo Locatelli e Heráclito Brusque.



Fonte: Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas

Figura 2 - Alunos da EBA recepcionam o patrono em 1949, em sua sede na Biblioteca Pública, quando ele doa a tela “A Espanhola” para a Escola. Sentado, à frente da obra, Leopoldo Gotuzzo. O senhor sentado, de cabelos brancos, é Heráclito Brusque, e aparecem também D. Marina (sexta em pé, da esquerda para a direita) e Aldo Locatelli (extrema direita, em pé).



Fonte: Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas

Em 1955, o artista realiza a doação de dezesseis telas de sua autoria para a EBA. Em suas palavras, “quero deixar para Pelotas alguma coisa que lembre seu filho que, apesar de ter vivido muito tempo ausente, tem sempre para ela um presente afetivo” (Carta de Leopoldo Gotuzzo, 1955, acervo do Malg). Gotuzzo explicita claramente a intenção de que a coleção de suas obras fosse abrigada pela instituição pelotense quando diz: “é meu desejo que quando a Escola de Bellas Artes tiver local adequado e meios para manter, se instale aí uma pequena coleção Gotuzzo, com alguns quadros que possam caracterizar meu modesto trabalho” (Carta de Leopoldo Gotuzzo, 1955, acervo do Malg).

Cumprir destacar a intenção educativa dessas doações, revelada em entrevista realizada em 2009 com a ex- aluna e ex-professora da Escola de belas Artes de Pelotas e fundadora do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, Luciana Renck Reis⁸. Referindo-se à doação de 1955, Luciana diz que “o Gotuzzo sempre dizia que nós (alunos), para aprendermos, além de termos que desenhar, estudar e tudo o mais, nós tínhamos que ver obras de arte e foi por isto que ele fez a doação das obras dele, mandou a primeira coleção para a Escola”. Na mesma entrevista, Luciana lembra que os quadros do Gotuzzo provenientes da doação ficavam nas paredes da Escola de Belas Artes, e conviviam com a poeira, a janela aberta, a luz. A entrevistada diz que os quadros não estavam em uma só sala, estavam por toda a Escola, acrescentando: “eu tive até o desafio de armar uma natureza morta com um deles, peguei um quadro do Gotuzzo e botei ali no meio dos outros elementos da composição e pinteí”. Luciana afirma que havia obras por toda a parte na Escola de Belas Artes de Pelotas, porque a teoria de Gotuzzo era de que os alunos deviam observar obras de arte.

Quando o artista vinha a Pelotas, o que fazia periodicamente, tinha o cuidado de verificar se os quadros estavam bem. Como haviam sido pintados com tinta de boa qualidade, com boa técnica, aguentaram bastante bem a situação precária em que se encontravam. No início dos anos 80, aconteceu o restauro de algumas obras, realizado por uma equipe da qual faziam parte a artista pelotense e ex-aluna da EBA Arlinda Magalhães Nunes e a professora do Instituto de Letras e Artes Yedda Luz. Para orientar os trabalhos de restauração, veio do Rio de Janeiro a museóloga e restauradora Elza Maria Loureiro de Souza, que tinha feito um curso na Europa. Então todos os quadros da Escola, não só os do Gotuzzo, ficaram, segundo Luciana, “como devia ser”⁹. E complementa:

⁸ Entrevista concedida por Luciana de Araujo Renck Reis a Clarice Rego Magalhães, em abril de 2009.

⁹ Dois anos depois, em 1984, concluído o trabalho de restauro, seriam expostas ao público cento e vinte telas em uma mostra temporária.

e eu fiquei muito faceira e fui visitar o Gotuzzo no Rio e disse para ele: olha, os seus quadros estão perfeitos, maravilhosos. E ele disse: onde é que estão? Eu disse, olha, estão na sala de honra da Universidade. Ele ficou triste e disse assim: sala de honra não é museu. E então eu disse: pois eu vou lhe prometer que o museu sai! Isto a inauguração do Museu, porque a idéia do Museu sempre existiu, até existiu oficialmente o Museu de Arte, só que, onde era? Que dia? Qual era o horário? Como é que se via? Ele era teórico. Aí eu fui trabalhar para conseguir o Museu (informação verbal)¹⁰.

Finalmente, em 7 de novembro de 1986, como coroação dos esforços de Luciana, é inaugurado o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, na gestão do Reitor Ruy Brasil Barbedo Antunes, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, gestão de Renato Luiz Mello Varoto, como um setor do então Instituto de Letras e Artes (ILA) da UFPEL. Enquanto museu universitário, tinha como meta proteger, investigar e divulgar o seu acervo junto à comunidade e também receber exposições de arte, fomentar a pesquisa e educação junto à rede de ensino e a sociedade.

(...)Foram criados para tanto, os setores de programação educativa, documentação e arquivo e conservação e restauro. Além de uma galeria destinada a exposições temporárias, que leva o nome de Galeria Marina de Moraes Pires, homenageando a fundadora da extinta Escola de Belas Artes de Pelotas (LIMA, 2001, p.15).

A coleção Leopoldo Gotuzzo é constituída por 120 obras de arte (desenhos e pinturas), objetos de uso pessoal e mobiliário. Pertencendo, no início, a uma escola particular – a EBA -, passa a ser pública em 1973, quando a Escola de Belas Artes de Pelotas, juntamente com todos os seus bens, é absorvida pela UFPEL (federalização). Esta coleção merece reflexão a respeito do seu significado para as artes visuais na cidade de Pelotas

Leopoldo Gotuzzo passou muitos anos estudando e trabalhando no exterior¹¹, tendo se fixado na década de 1920 na cidade do Rio de Janeiro, onde produziu a maior parte de sua obra, e recebeu inúmeros prêmios importantes, principalmente do Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. O artista manteve, porém, constante ligação com a sua cidade natal. Era amigo da fundadora da EBA, Marina de Moraes Pires, e, embora nunca tenha lecionado na Escola, foi escolhido seu patrono. A Coleção Leopoldo Gotuzzo tem interessantes particularidades, como o fato de ter sido doada à Escola de Belas Artes de Pelotas com um propósito educativo, e de ter sido formada pelo próprio autor das obras que a compõem, constituindo um discurso do artista a

¹⁰ Entrevista concedida por Luciana de Araujo Renck Reis a Clarice Rego Magalhães, em abril de 2009.

¹¹ Itália, Espanha, França, Portugal

respeito de seu próprio trabalho. Obras de arte e outros itens, ao comporem a Coleção Leopoldo Gotuzzo do MALG, podem ajudar-nos a pensar na relação de um estrato da sociedade, especificamente a elite pelotense do início do século XX, à qual o artista pertencia, com a sociedade de modo geral.

A produção de Leopoldo Gotuzzo, embora tenha acontecido em uma época na qual o modernismo estava sendo adotado por grande parte dos artistas, se manteve conservadora, não tendo o artista sentido a necessidade de aderir ao novo estilo. Isto está em sintonia com o contexto no qual o artista teve a sua iniciação artística, a cidade de Pelotas, e revela o pertencimento do artista a esta sociedade muito ligada ao seu passado e às suas tradições. Como a instituição museu de arte legitima produções artísticas, pertencer ao acervo de um museu adiciona importância a obras de arte, então a Coleção Leopoldo Gotuzzo passa a ter uma importância muito grande para a sociedade pelotense, que através dela tem a oportunidade de vivenciar o contato direto com a arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao proceder à análise dos documentos que trazem informações a respeito do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, único museu de arte da cidade de Pelotas, nota-se que esta instituição traz ao presente, por meio de suas coleções, o passado da cidade. Quando da gênese do Museu, as obras das coleções representavam a sociedade pelotense da época, seus valores e seu imaginário. Hoje, estas coleções trazem, por meio das obras de arte e outros itens que as compõem, o passado da cidade ao presente. Isso permite que este passado seja conhecido e discutido, e o conhecimento nas áreas da memória, do patrimônio e das artes avance.

Ao doar suas obras para constituir o acervo do futuro museu, o artista pelotense Leopoldo Gotuzzo transforma o seu trabalho em patrimônio da cidade de Pelotas. Estas obras passam a ser uma parte importante da memória artística pelotense, enquanto expressão da cultura da cidade, funcionando como elemento de construção da identidade artística pelotense. Em um mundo globalizado, em que as características locais são cada vez mais raras e mais valorizadas, a Coleção Leopoldo Gotuzzo do MALG traz à contemporaneidade as características peculiares de Pelotas, por meio da sua produção artística.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. MICELI, Sérgio (Org.). São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **A Distinção**: crítica social do julgamento. 2 ed rev. Porto Alegre: Zouk, 2011.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. **Nos Descaminhos do Imaginário : a tradição acadêmica nas artes plásticas de Pelotas**. 1996. 196 p. Dissertação de Mestrado. IA/UFRGS. Porto Alegre.

IBRAM – Portal do Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: < <http://www.museus.gov.br/os-museus/>>. Acesso em 01 abr. 2014.

LIMA, Nicola Caringi. **O museu de Arte Leopoldo Gotuzzo**. In: Catalogo do MARGS: Leopoldo Gotuzzo, Porto Alegre: MARGS, 2001.

MAGALHÃES, Clarice Rego. A Escola de Belas Artes de Pelotas (1949-1973): trajetória institucional e papel na História da Arte. 2013. 316p. Tese de Doutorado. PPGE/UFPEL. Pelotas.

MAGALHÃES, Mario Osório. Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul - Um Estudo Sobre a Cidade de Pelotas (1860 - 1890). 2ª ed. Pelotas: Editora da UFPel-Livraria Mundial, 1993.